

BECCA FITZPATRICK

# SUSSURRO

HUSH, HUSH



TRADUÇÃO DE LIVIA DE ALMEIDA

  
intrínseca

PARA HEATHER, CHRISTIAN E MICHAEL.  
NOSSA INFÂNCIA FOI PURA IMAGINAÇÃO.  
E PARA JUSTIN. OBRIGADA POR NÃO TER ESCOLHIDO  
A AULA DE CULINÁRIA JAPONESA — AMO VOCÊ.



...DEUS NÃO PERDOOU AOS ANJOS QUE PECARAM,  
MAS OS LANÇOU AO INFERNO  
E OS ENTREGOU ÀS CADEIAS DA ESCURIDÃO,  
FICANDO RESERVADOS PARA O JUÍZO...  
— 2 PEDRO 2:4



## P R Ó L O G O



VALE DO LOIRE, FRANÇA  
NOVEMBRO DE 1565

CHAUNCEY ESTAVA COM A FILHA DE UM LAVRADOR NA RELVA às margens do rio Loire quando a tempestade se aproximou. Por ter deixado sua montaria perambular pela campina, ele não tinha opção a não ser voltar para o castelo com os próprios pés. Arrancou uma fivela de prata do sapato, colocou-a na palma da mão da moça e observou enquanto ela se afastava correndo, a barra das saias imunda de barro. Em seguida, calçou as botas e partiu para casa.

A chuva desabava pelos campos cada vez mais escuros nos arredores do Château de Langeais. Chauncey caminhava com segurança sobre os túmulos afundados e as folhas podres do cemitério. Mesmo na neblina mais espessa ele conseguia achar o caminho de volta, e não tinha medo de se perder. Não havia neblina naquela noite, mas a escuridão e a crueldade da chuva já criavam dificuldades suficientes.

Chauncey captou um movimento com o canto do olho e voltou bruscamente a cabeça para a esquerda. O que à primeira vista parecera ser uma enorme estátua coroando uma sepultura próxima ergueu-se majestosamente. Não era feita nem de pedra, nem de mármore. O garoto tinha braços e pernas. O peito estava despido, os pés, descalços, e calças de camponês pendiam abaixo da cintura. Ele desceu da lápide com as pontas dos cabelos negros encharcados pela chuva pingando. As gotas desciam por seu rosto, que era tão moreno quanto o de um espanhol.

A mão de Chauncey dirigiu-se ao punho da espada.

— Quem está aí?

A boca do jovem esboçou um sorriso.

— Não brinqueis com o duque de Langeais — avisou Chauncey. — Perguntei seu nome. Dizei-o.

— Duque? — O rapaz apoiou-se no tronco sinuoso de um salgueiro. — Ou bastardo?

Chauncey desembainhou a espada.

— Retirai o que dissestes! Meu pai foi o duque de Langeais. Eu agora sou o duque de Langeais — acrescentou, amaldiçoando-se pela maneira desajeitada como dizia aquilo.

O jovem sacudiu a cabeça devagar.

— Vosso pai não era o velho duque.

Chauncey enfureceu-se diante de um insulto tão ultrajante.

— E vosso pai? — questionou, estendendo a espada. Ainda não conhecia todos os seus vassallos, mas estava aprendendo. Guardaria na memória o sobrenome do rapaz. — Vou perguntar mais uma vez — disse em voz baixa, passando a mão no rosto para tirar a água da chuva. — Quem sois vós?

O jovem aproximou-se e afastou a lâmina para o lado. Subitamente, parecia mais velho do que Chauncey supunha, talvez até mesmo um ou dois anos mais velho que o próprio Chauncey.

— Sou da prole do demônio — respondeu.

Chauncey sentiu uma onda de medo invadi-lo.

— Vós sois completamente lunático — disse entre dentes. — Saí de meu caminho.

O chão cedeu sob os pés de Chauncey. Chamas douradas e vermelhas apareceram diante de seus olhos. Encurvado, com as unhas fincadas nas coxas, ele elevou o olhar para observar o garoto, piscando e arfando, esforçando-se em compreender o que se passava. Sua mente vacilava como se não estivesse mais sob seu controle.

O rapaz agachou-se para que seus olhos ficassem na mesma altura dos de Chauncey.

— Escutai com atenção. Preciso de um favor vosso. Não partirei até consegui-lo. Vós me compreendeis?

Rangendo os dentes, Chauncey sacudiu a cabeça para exprimir descrença — e desafio. Tentou cuspir no jovem, mas a saliva escorreu pelo queixo. A língua recusava-se a obedecer-lhe.

O jovem envolveu as mãos de Chauncey nas suas. O calor era causticante e o duque soltou um grito.

— Preciso de vosso juramento de fidelidade — disse. — Ajoelhai e jurai ser meu servo.

Chauncey quis soltar uma gargalhada grosseira, mas sua garganta se fechou e o som foi sufocado. O joelho direito dobrou-se como se tivesse recebido um chute por trás, mas não havia mais ninguém ali. Chauncey desabou na lama. Virou-se de lado e vomitou.

— Jurai — repetiu o rapaz.

O calor queimava o pescoço de Chauncey. Ele precisou de toda a sua energia para cerrar levemente os punhos. Riu de si mesmo, mas não havia graça. Não sabia como era possível, mas a náusea e a fraqueza que o dominavam provinham do jovem. Não se livraria daquilo se não prestasse o juramento. Ele diria o que precisava dizer, mas jurou no fundo de seu coração destruir o jovem para se vingar da humilhação.

— Senhor, torno-me vosso servo — disse Chauncey, malignamente.

O rapaz pôs Chauncey de pé.

— Encontrai-me aqui no início do mês hebreu do Cheshvan. Precisaréi de vossos serviços nas duas semanas entre a lua nova e a lua cheia.

— Quase uma... *quinzena*? — O corpo inteiro de Chauncey tremia sob peso de sua ira. — Sou o *duque de Langeais*!

— Vós sois um nefilim — disse o jovem com um meio sorriso.

Chauncey tinha um xingamento na ponta da língua, mas o engoliu. As palavras seguintes foram pronunciadas com fria perversidade.

— O que acabastes de dizer?

— Vós pertenceis à raça bíblica nefilim. Vosso verdadeiro pai foi um anjo expulso do céu. Metade de vosso sangue é mortal — os olhos escuros do rapaz se ergueram, encontrando os de Chauncey —, metade é de anjo caído.

Das profundezas de sua mente, Chauncey voltou a ouvir a voz de seu tutor, lendo trechos da Bíblia que falavam de uma raça degenerada, fruto da união carnal de anjos expulsos do céu e mulheres mortais. Uma raça temível e poderosa.

Um arrepio que não era inteiramente de repulsa atravessou Chauncey.

— Quem sois vós?

O rapaz se virou e começou a se afastar. Embora Chauncey quisesse segui-lo, não conseguiu obrigar as pernas a aguentar o próprio peso. Ajoelhado ali, com os olhos fustigados pela chuva, viu duas cicatrizes largas nas costas nuas do jovem. Elas se aproximavam, formando um V de cabeça para baixo.

— Vós sois... caído? — perguntou. — Tivestes as asas arrancadas, não?

O rapaz, anjo, seja lá quem fosse, não se virou. Chauncey não precisava de uma confirmação.

— O serviço que vos devo prestar — gritou —, exijo saber do que se trata!

O riso grave do jovem ecoou pelo ar.

## CAPÍTULO

# 1

COLDWATER, MAINE  
NOS DIAS DE HOJE

**E**NTREI NO LABORATÓRIO DE BIOLOGIA E MEU QUEIXO CAIU. Lá estava, misteriosamente grudada no quadro-negro, uma boneca Barbie. Devidamente acompanhada por Ken. Os dois tinham sido postos de braços-dados e estariam completamente nus, não fossem as pequenas folhas artificiais colocadas em alguns lugares estratégicos. Rabiscado em giz cor-de-rosa, sobre as cabeças dos dois, lia-se:

BEM-VINDOS À REPRODUÇÃO HUMANA (SEXO)

— É por essas e outras que a escola proíbe celulares com câmeras — disse Vee Sky ao meu lado. — Bastariam umas fotos disso aí no eZine e eu conseguiria que o conselho de educação eliminasse a biologia do currículo. Aí a gente poderia ocupar o tempo com algo realmente útil, como ter aulas particulares com caras gatos das turmas mais avançadas.

— Como assim, Vee? — falei. — Podia jurar que você tinha passado o semestre inteiro doida para estudar essa matéria.

Vee apertou os cílios e abriu um sorriso perverso.

— Aqui ninguém vai me ensinar nada que eu já não saiba.

— Mas seu nome não começa com V... de virgem?

— Fale baixo.

Ela deu uma piscadela bem na hora em que o sinal tocou, obrigando-nos a ir para nossos lugares, que ficavam lado a lado em uma carteira dupla.

O técnico McConaughy agarrou o apito que pendia de uma corrente em seu pescoço e soprou.

— Equipe, sentar!

Para o técnico, ensinar biologia às turmas do ensino médio era um bico para complementar a renda de seu emprego como treinador de um time universitário de basquete. Todo mundo sabia disso.

— Talvez não tenha passado pela cabeça de vocês que o sexo é mais do que um passeio de 15 minutos no banco de trás de um carro. É uma ciência. E o que é ciência?

— Uma chatice! — exclamou um garoto no fundo da sala.

— A única matéria em que estou levando pau — disse outro.

Os olhos do técnico percorreram a primeira fila e pararam em mim.

— Nora?

— É o estudo de alguma coisa — falei.

Ele se aproximou e bateu com o indicador na mesa à minha frente.

— O que mais?

— É o conhecimento adquirido pela experimentação e pela observação.

Que beleza. Agora parecia que eu estava fazendo um teste para a versão em áudio do nosso livro escolar.

— Nas suas palavras.

Toquei meu lábio superior com a ponta da língua e tentei encontrar outras palavras.

— Ciência é uma investigação... — acabou soando como uma pergunta.

— Ciência é uma investigação — disse o técnico, esfregando as mãos. — A ciência exige que a gente se transforme em espiões.

Explicada dessa maneira, a ciência até parecia divertida. Mas eu já estava na turma do técnico havia tempo suficiente para não alimentar qualquer ilusão.

— É necessária muita prática para se realizar um bom trabalho de detetive — ele prosseguiu.

— O sexo também exige muita prática — comentou outro alguém do fundo da sala.

Todos tentamos conter o riso enquanto o técnico apontava um dedo de advertência na direção do malfeitor.

— Esse não vai ser o dever de casa de hoje. — O técnico voltou-se novamente para mim. — Nora, você se senta com Vee desde o início do ano.

Assenti com um gesto de cabeça, mas tinha um palpíte ruim sobre o rumo que o assunto tomaria.

— Vocês duas trabalham no eZine da escola. — De novo fiz que sim com a cabeça. — Aposto que sabem muito uma sobre a outra.

Vee chutou-me embaixo da mesa. Sabia o que ela estava pensando: que ele não tinha a mínima ideia de quanto nos conhecíamos. E não estou falando apenas de segredos que enterramos em nossos diários. Vee é minha gêmea ao avesso. Tem olhos verdes, cabelo louro-acinzentado e uns quilinhos a mais do que o necessário para fazer o gênero gostosa. Eu sou morena de olhos cinza com um cabelão encaracolado que resiste até à mais poderosa das chapinhas. E tenho pernas compridas como as de um banco alto de bar. Mas existe um fio invisível que nos une. Nós duas podemos jurar que esse elo começou antes mesmo de nascermos. E podemos jurar que vai existir até o fim da vida.

O técnico contemplou a turma.

— Na verdade, aposto que cada um de vocês conhece bem demais a pessoa sentada ao lado. Vocês escolheram esses lugares por alguma razão, certo? Foi pela familiaridade. Que pena, pois os melhores detetives evitam a familiaridade. Ela embaça o instinto investigativo. E é por esse motivo que hoje vamos reorganizar seus lugares.

Abri a boca para protestar, mas Vee foi mais rápida.

— Como assim? Já estamos quase no fim do período letivo. Você não pode inventar esse tipo de coisa agora.

O técnico esboçou um sorriso.

— Posso fazer isso até no último dia de aula. E, se for reprovada na matéria, vai voltar para esse mesmo lugar e aguentar todas as minhas novidades mais uma vez.

Vee olhou feio para ele. Ela é famosa por esse olhar. É um olhar que já diz tudo, ela nem precisa abrir a boca. Sem parecer se importar, o técnico levou o apito aos lábios — e nós entendemos a mensagem.

— Quem estiver sentado no lado esquerdo da mesa, isto é, à sua esquerda, deve avançar um lugar. Aqueles que estão na primeira fila, e isso inclui você, Vee, vão para o fundo da sala.

Vee jogou o caderno dentro da mochila e fechou o zíper com raiva. Mordido o lábio e dei um tchauzinho. Virei-me discretamente, observando o restante da sala. Sabia o nome de todos os alunos... menos o de um. O aluno novo. O técnico nunca se dirigia a ele, e ele parecia preferir que fosse assim. Estava jogado em uma carteira atrás de mim, os olhos negros e frios fixados num ponto adiante. Como sempre. Nunca acreditei por um momento sequer que ele simplesmente passasse o tempo todo sentado ali, dia após dia, fitando o vazio. Tinha de estar

pensando em algo, mas o instinto me dizia que eu provavelmente não ia querer saber o que era.

Ele colocou o livro de biologia na mesa e deslizou para a antiga cadeira de Vee. Sorri.

— Oi. Sou Nora.

Seus olhos negros me atravessaram e os cantos de sua boca se ergueram. Meu coração parou por um segundo e, naquela pausa, um sentimento sinistro e desesperador pareceu me envolver como uma sombra. Passou depois de um segundo, mas eu continuava a encará-lo. O sorriso dele não era amistoso. Era um sorriso que queria dizer confusão. Confusão garantida.

Voltei minha atenção para o quadro-negro. Barbie e Ken me fitaram com aqueles sorrisos estranhamente animados.

— A reprodução humana pode ser um tema pegajoso... — o técnico disse.

— Eca! — disseram os alunos em coro.

— Exige tratamento maduro. E, como todas as ciências, a melhor abordagem para o aprendizado é a investigação. Até o final da aula, pratiquem essa técnica desvendando tudo o que conseguirem sobre seu novo parceiro. Amanhã, tragam suas descobertas por escrito, e podem acreditar: vou checar a autenticidade das informações. Estamos falando de biologia, não de aula de redação, por isso nem pensem em inventar as respostas. Quero ver interação e trabalho de equipe de verdade.

Havia um “ou então” implícito ao final da frase.

Fiquei sentada, completamente imóvel. O passo seguinte deveria ser do colega — eu já tinha sorrido e de nada tinha adiantado. Funguei discretamente, tentando decifrar o cheiro dele. Não era de cigarros. Era de algo mais intenso e mais desagradável.

Charutos.

Olhei para o relógio na parede e bati meu lápis no ritmo do ponteiro dos segundos. Finquei o cotovelo na mesa e apoiei o queixo no punho. Soltei um suspiro.

Que beleza. Assim, eu seria reprovada.

Meus olhos estavam fixos à frente, mas escutei o suave deslizar da caneta dele. Ele estava escrevendo, e eu quis saber o quê. Dez minutos sentado ao meu lado não lhe davam o direito de presumir nada a meu respeito. Dei uma olhada à esquerda e vi que o texto já continha diversas linhas, e continuava a crescer.

— O que está escrevendo? — perguntei.

— E ela fala — disse ele enquanto continuava a rabiscar, em um movimento suave e descuidado.

Curvei-me, aproximando-me dele o máximo que minha ousadia permitia, tentando ler o que mais escrevera, mas ele dobrou a folha ao meio e escondeu o conteúdo.

— O que você escreveu? — exigi saber.

Ele alcançou minha folha de papel ainda em branco e a puxou para perto. Amassou-a até formar uma bola. Antes que eu pudesse reclamar, ele a lançou na lixeira que ficava ao lado da mesa do técnico. Cesta.

Fiquei contemplando a lixeira por um momento, dividida entre a descrença e a raiva. Então abri o caderno em uma folha nova.

— Qual é o seu nome? — perguntei, com a caneta a postos.

Levantei o olhar a tempo de ver outro sorriso sinistro. Este parecia me desafiar a conseguir qualquer informação sobre ele.

— Seu nome? — repeti, torcendo para que a vacilação em minha voz não passasse de fruto da minha imaginação.

— Me chame de Patch. Falo sério. *Me chame.*

Ele piscou ao falar e fiquei bem certa de que estava debochando de mim.

— O que faz em seu tempo livre? — perguntei

— Não tenho tempo livre.

— Estou partindo do princípio de que este trabalho vale nota, então colabore, por favor.

Ele recostou-se na cadeira, cruzando os braços atrás da cabeça.

— Que tipo de colaboração?

Estava convencida de que ele estava sendo sarcástico, então tentei mudar de assunto.

— Tempo livre... — ele repetiu, pensativo. — Tiro fotos.

Escrevi *Fotografia* no papel.

— Ainda não acabei — disse ele. — Tenho uma bela coleção de uma colunista do eZine que acredita que é melhor comer alimentos orgânicos, que escreve poesia escondida e que treme diante da ideia de precisar escolher entre Stanford, Yale e... Qual é o nome da outra grande que começa com H?

Encarei-o por um momento, abalada — ele tinha acertado *na mosca*. Aquilo não parecia ter sido um chute. Ele *sabia*. E eu queria saber como era possível — imediatamente.

— Mas, no fim das contas, você não vai para nenhuma delas.

— Não vou? — perguntei sem pensar.

Ele enfiou os dedos debaixo do assento da minha cadeira, arrastando-a para mais perto. Sem saber bem se deveria me afastar e demonstrar medo ou não reagir e fingir tédio, preferi a segunda opção.

— Apesar de você poder se dar bem em qualquer uma das três, você as despreza por serem um clichê de sucesso — ele disse. — Fazer julgamentos apressados é sua terceira maior fraqueza.

— E a segunda? — falei, contendo a raiva.

Quem era aquele sujeito? Que tipo de piada sem graça ele pensava que estava fazendo?

— Você não sabe confiar. Quer dizer, não: você confia, mas só nas pessoas erradas.

— E a primeira? — questionei-o.

— Você leva a vida com rédeas curtas.

— E o que isso quer dizer?

— Que tem medo daquilo que não consegue controlar.

Senti um arrepio na nuca e a temperatura da sala pareceu cair. Em uma situação comum, eu teria ido direto à mesa do técnico e pedido para mudar de lugar. Mas me recusava a deixar que Patch pensasse que podia me intimidar ou me assustar. Senti uma necessidade irracional de me defender e decidi então que não recuaria antes dele.

— Você dorme nua? — perguntou.

Meu queixo quase caiu, mas eu o mantive no lugar.

— Você está longe de ser a pessoa a quem eu contaria isso.

— Já fez terapia?

— Não — menti.

A verdade era que eu estava sob aconselhamento do psicólogo da escola, o dr. Hendrickson. Não tinha sido por escolha própria e não era algo que eu gostasse de comentar.

— Já fez alguma coisa ilegal?

— Não. — Passar do limite de velocidade não contava. Pelo menos para ele.

— Por que você não me faz uma pergunta normal? Por exemplo... De que tipo de música eu gosto?

— Não vou perguntar o que posso deduzir.

— Você não sabe o tipo de música que eu escuto.

— Barroca. Com você, tudo tem a ver com ordem, controle. Aposto que toca... violoncelo? — Ele falou como se tivesse simplesmente adivinhado.

— Errado. — Outra mentira, mas essa fez com que um calafrio percorresse toda a minha pele.

Quem ele era *de verdade*? Se sabia que eu tocava violoncelo, o que mais poderia saber?

— O que é isso? — Patch perguntou, tocando com a caneta a parte interior do meu pulso. Instintivamente, recuei.

— Marca de nascença.

— Parece uma cicatriz. Já tentou o suicídio, Nora? — Nossos olhos se encontraram e eu podia sentir que ele estava rindo. — Pais casados ou divorciados?

— Moro com minha mãe.

— Onde está seu pai?

— Meu pai morreu no ano passado.

— Morreu como?

Eu me encolhi.

— Ele foi... assassinado. É um assunto particular, por favor.

Houve um minuto de silêncio, e a aspereza no olhar de Patch pareceu ceder minimamente.

— Deve ter sido difícil — disse ele, parecendo sincero.

O sinal tocou, e Patch levantou-se e caminhou até a porta.

— Espere — chamei. Ele não se virou. — Com licença! — Ele já estava saindo. — Patch! Não consegui saber nada sobre você.

Ele deu meia-volta e andou na minha direção. Pegou minha mão e escreveu nela alguma coisa antes que eu sequer pensasse em puxá-la.

Olhei para os números escritos em tinta vermelha na palma da minha mão. Cerrei o punho. Queria lhe dizer que não havia a menor chance de o telefone dele tocar naquela noite. Queria dizer que era culpa dele ter passado o tempo todo me fazendo perguntas. Queria muitas coisas, mas apenas fiquei ali sem fazer nada, como se tivesse me esquecido de como abrir a boca.

— Vou estar ocupada hoje à noite — finalmente disse.

— Eu também — ele respondeu, sorrindo, antes de partir.

Fiquei imóvel, tentando digerir o que havia acontecido. Será que ele tinha consumido todo o tempo com aquelas perguntas de propósito? Para que eu tirasse uma nota ruim? Será que ele achava que um sorriso sedutor seria o suficiente para redimi-lo? Sim, pensei. Ele achava.

— Não vou ligar! — gritei para ele. — Nunca!

— Já terminou sua coluna para o fechamento de amanhã? — dessa vez era Vee. Ela se aproximou de mim, fazendo anotações em um bloco que carregava para todos os lugares. — Estou pensando em escrever sobre a injustiça da mudança de lugares. Fiquei com uma menina que disse ter terminado um tratamento contra piolhos hoje de manhã.

— Meu novo parceiro — eu disse, apontando Patch no corredor.

Ele tinha um jeito de andar irritantemente confiante, do tipo que combina com camisetas velhas e um chapéu de vaqueiro. Patch não usava nenhum dos dois. Era um sujeito do tipo jeans Levi's escuro, camiseta escura e botas escuras.

— O aluno novo do último ano? Acho que ele não deve ter estudado muito na primeira vez. Ou na segunda. — Ela me lançou um olhar de quem já tinha entendido tudo. — A terceira é sempre melhor, não?

— Ele me dá calafrios. Sabia *minha* música preferida. Sem nenhuma dica ele disse “barroca”. — Tentei imitar, sem sucesso, a voz baixa dele.

— Pode ter sido um palpíte.

— Ele sabia... de outras coisas.

— Como o quê, por exemplo?

Suspirei. Ele sabia mais do que eu era capaz de encarar com tranquilidade.

— Ele sabia como encher meu saco — disse, finalmente. — Vou pedir ao técnico que nos mude de lugar de novo.

— Vá em frente. Poderia muito bem usar isso como gancho para meu próximo artigo no eZine. “Garota do segundo ano reage”. Melhor: “Mudança de lugares leva um duro golpe”. Hum, gostei disso.

No fim das contas, a única pessoa a receber um duro golpe havia sido eu. O técnico recusou meu pedido de que reconsiderasse as mudanças de lugar. Aparentemente, eu estava presa a Patch.

Por enquanto.